

# A EPOCA.

## JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

### LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

BIROUK.

ANECDOTA RUSSA.

Voltava uma tarde de caçar os gallos bravos, só, n'um pequeno *droschki*; ainda me faltavam oito *verses* para chegar a casa. A minha excellente egoa trotava corajosamente pela estrada, alevantando uma ligeira camada de pó, sorvia de tempos a tempos o ar, e sacudia as orelhas quando um som estranho lhe feria os ouvidos. O meu cão, estafado da caça, corria resignadamente entre as rodas trazeiras, como se estivesse prezo pelo pescoço. Na minha frente, por de traz do bosque em que ia embrenhar-me, erguia-se lentamente uma imensa e pezada massa de nuvens bronzeadas, alguns flocos ligeiros e como de algodão se deslisavam por cima da minha cabeça. Ouvia estremecer e crepitar por um modo assustador as folhas dos salgueiros. Fazia-se tarde; o calor suffocante que havia durado todo o dia tinha quasi subitamente dado lugar a um frio carregado de humidade; as sombras iam-se cerrando a olhos vistos. Açoutei ligeiramente a garupa da minha egoa com as redeas atezadas; ella estremeceu ao sentir o golpe, e lançou-se pela estrada adiante com novo vigor. Desci uma encosta, no fim da qual atravessei um riacho secco e cheio de hervas e matto, depois subi o declive opposto, e entrei no bosque. O caminho serpentiava diante de mim entre moitas espessas e enegrecidas de avelleiras. Caminhei com difficuldade; as raizes grossas e nodosas dos carvalhos e dos teixos seculares que cortavam a cada passo as rodeiras faziam saltar o meu *droschki* como uma barca sobre as ondas. A minha egua tropeçando, começou a respirar com esforço. Alevantou-se subitamente um vento temeroso; as arvores agitavam-se com uma violencia desesperada, e grossas gotas de chuva açoutaram pezadamente as folhas. Um relampago brilhou . . . a tormenta rebentava finalmente, e a chuva cahiu em torrentes.

Fui em breve obrigado a parar. A minha egoa enterrava-se a cada passo, ameaçando voltar o *droschki*; nem ella, nem eu viamos cousa alguma. Abri-

guei-me o melhor que pude debaixo de um grupo de arvores, e, com a cabeça enterrada entre os hombros, esperava com paciencia o fim da tempestade, quando repentinamente, ao clarão fugitivo de um relampago, pareceu-me aperceber na estrada, a poucos passos do logar onde eu estava, uma longa e medonha figura. Puz-me a olhar fixamente na direcção em que julgava tel-a visto; a mesma figura appareceu de novo ao pé de meu *droschki*.

— Quem está ali? perguntou uma voz estrondosa.

— Eu, quem és? respondi eu.

— Sou o guarda do bosque.

Disse-lhe quem eu era.

— Ah! conheço-vos, replicou elle, voltaes para casa?

— Sim, para casa, mas bem vês que tempestade . . .

— A tempestade é forte, disse elle lentamente.

Um relampago branco alumiou este homem dos pés á cabeça; um trovão curto e secco estalou immediatamente, e a chuva pareceu precipitar-se do céu.

— Isto não passa tão cedo, continuou o guarda.

— Que hei-de fazer?

— Se quereis, conduzir-vos-hei a minha casa, re-dargui com um tom rapido.

— Com muito gosto, ficar-te-hei muito obrigado.

— Ficai assentado.

Aproximou-se da cabeça da egoa, pegou-lhe pelo freio e fel-a caminhar. Agarrei-me á almofada de couro do meu *droschki*, violentamente sacudido á direita e á esquerda, e chamei o meu cão, que me respondeu com um gemido inquieto. A minha pobre egua batia pezadamente na lama, escorregando e tropeçando. Eu entrevia vagamente a longa figura do guarda que se balouçava adiante dos varaes como um fantasma. Depois de ter caminhado algum tempo silencioso: « Chegamos » me disse tranquillamente o meu guia. No mesmo instante, ouvi cães uivarem, depois ranger uma porta. Levantei a cabeça. A' luz rapida de um relampago, apercebi uma pequena *ishah* no meio de um grande pateo cercado por um vallado. Um clarãozinho alumiaava uma das janellas. O guarda conduziu o meu *droschki* até á escada e bateu á porta do *ishah*. « Já vou, já vou » gritou uma vozinha esganiçada. Passos de pés descalços se fizeram ouvir, o fer-



rolho escorregou, e uma rapariguita de dez a doze annos, vestida com uma camiza comprida preza pela cintura, com um pedaço de panno grosseiro enrolado, appareceu á porta com uma lanterna na mão.

«Conduz este senhor, disse o guarda. Eu vou metter o vosso droschki debaixo do telheiro» continuou elle dirigindo-me a palavra.

A pequena deitou-me um olhar assustado, e caminhou adiante. Segui-a.

O isbah do guarda consistia n'um só quarto, baixo e enegrecido pelo fumo, sem divisões. Uma velha jaqueta de pelle de carneiro pendia de um prego da parede. Uma espingarda estava posta em cima de um banco; roupa velha apodrecia amontoada n'um canto; dois enormes potes de barro vazios estavam ao pé da chaminé tambem vazia, e sobre a meza ardia uma *lutchina* que se apagava e se reacendia tristemente. Exactamente no meio do quarto estava suspenso um berço prezo na ponta de uma vara comprida que se curvava, e estava segura ao tecto. A pequena apagou a lanterna, assentou-se n'um escabelo, e poz-se a agitar o berço com uma mão, em quanto a outra atis-sava a *lutchina*. A creança no berço respirava penosamente. Olhei vagarosamente em roda de mim... E' triste entrar á noite n'uma casa de homem do campo.

— Estás só aqui, perguntei eu á rapariga.

— Só, me respondeu ella com voz extincta e sem levantar olhos.

— E's filha do guarda?

Repetiu balbuciando e com surpresa «do guarda?»

A porta rangeu, e o meu hospede entrou, baixando a cabeça, pela porta pouco elevada. Agarrou a lanterna que a pequena tinha posto no chão, aproximou-se da mesa e acendeu a luz. «Não estaes acostumado á *lutchina*» me disse elle com um sorriso contrafeito, e sacudiu a sua espessa cabelleira. Olhei para elle attentamente. Poucas vezes tinha visto um homem tão bem talhado; era muito alto, largo de hombros. Os seus musculos grossos desenhavam-se vigorosamente atravez da sua camisa molhada e pegada ao corpo. Uma barba negra e revolta cubria a parte inferior da sua phisionomia energica e dura. Os seus olhos pequenos e negros, escondidos por sobrancelhas espessas e talhadas em linha reta, lançavam um olhar duro e firme. Encostou as duas mãos nas ilhargas e veio collocar-se em pé diante de mim. Agradei-lhe o seu obsequio, e perguntei-lhe como se chamava.

«Chamo-me Thomaz, me respondeu elle... Thomaz Birouk».

«Ah! és tu, Birouk?» Olhei então para elle com dobrada curiosidade. Tinha muitas vezes ouvido fallar de um guarda a quem se tinha dado este sobre-nome e que todos os camponezes das cercanias temiam como o fogo. Segundo o que elles diziam, nunca tinha existido mais terrível guarda. Com elle, não era mesmo possível apanhar um braçado de ramos seccos. Birouk

estava em toda a parte, a toda a hora do dia e da noite; e desgraçado do que ousava resistir! Birouk era ousado e forte como um demonio: nenhuma seducção tinha sobre elle a menor acção. Por isso todos fallavam de lhe preparar um máu fim. Era esta a opinião dos camponezes a seu respeito.

«Então és tu, Birouk?» tenho ouvido fallar de ti; dizem que és um homem terrível.

— Eu faço unicamente o meu dever, respondeu elle com ar carrancudo; não quero comer sem o ter ganho o pão do Senhor.» Pegou n'um machado, assentou-se no chão, e poz-se a fender lenha para a *lutchina*.

— Não tens mulher? perguntei eu.

— Não. «Deu uma enorme pancada com o machado». Morreu... não... sim, sim, ella morreu «acrescentou brutalmente, e voltou a cabeça.»

Calei-me. Levantou lentamente os olhos, e olhou algum tempo para mim em silencio. «Fugiu como um belfurinho» exclamou elle de repente, deixando ouvir um estranho e cruel sorriso. A rapariguita baixou os olhos tristemente; a creança agitou-se e poz-se a gritar. Ella aproximou-se do berço. «Olha dá-lhe isso» disse Birouk, e metteu-lhe na mão uma chuchadeira feita de trapos. Elle tambem foi abandonado por ella «acrescentou mostrando-me a creança.» Aproximou-se da porta, poz a mão no fecho, e, voltando-se primeiro para mim:

«Não é verdade, senhor, me disse elle com certo embaraço, que não comeis do nosso pão?»

— Não tenho vontade, obrigado.

— Eu tenho um *somovar* ás vossas ordens, acrescentou, mas não tenho chá. Vou vêr o que é feito da vossa egoa», sahiu e fechou a porta estrondosamente.

Olhei segunda vez em roda de mim. O *isbah* pareceu-me ainda mais triste que dantes. O cheiro amargo do fumo esfriado incommodava-me desagradavelmente a respiração. A pobre pequena não se mechia do seu logar, não levantava os olhos, e continuava a empurrar devagarinho o berço. De tempos a tempos puchava sobre os hombros a camisa grosseira que lhe escorregava pelo magro braço abaixo, ou sacudia timidamente a cabeça para deitar os cabellos para traz. As pernas delgadas pendiam-lhe immoveis.

— Como te chamas? lhe perguntei eu.

— Oulita, «respondeu ella baixando a cara triste e doce, e sem sorrir ao responder-me como teria feito qualquer outra rapariga.

O guarda entrou e assentou-se n'um banco. «A tempestade vae passando» disse elle depois de um instante de silencio «se quereis vou conduzir-vos fora do bosque».

Levantei-me.

Birouk pegou na espingarda, e armou-a.

«Para que é isso? lhe disse eu?»

— Estão fazendo maroteira no bosque... corta-se



uma arvore no buraco das egoas», acrescentou elle em resposta á minha pergunta.

— Pois ouve-se daqui?

— Ouve-se do pateo.

Sahimos juntos. A chuva tinha cessado. Ao longe amontoavam-se ainda grandes massas de nuvens escuras rapidamente illuminadas por relampagos lividos; mas por cima de nós appareciam já fragmentos de céu azul, quasi negro, semeados de raras estrellas de luz tremula e incerta. Para-mo-nos a escutar. O guarda tirou o seu barrete, inclinou a cabeça para o lado. « Lá está! lá está! » exclamou elle repentinamente em voz sumida, e estendeu a mão. Eu não ouvia nada senão a bulha das folhas. Birouk fez sahir a minha egoa do telheiro. « Como é isto », murmurou elle consigo, « talvez eu o não apanhe ».

— Vamos juntos, queres? lhe disse eu. Partirei mais tarde.

— De boa vontade, replicou elle fazendo recuar a minha egoa; apanharemos o ladrão... n'um minuto... depois vos guiarei. Vamos.

— Vamos.

(Continua).

## PARTIR PARA SER BISPO E ACABAR SINEIRO.

(THROWS FOR BISHOP-DRAWS BEADLE)

### PROVERBIO

(Continuado no n.º 32).

TOM.

Rapaz, indagareis em casa de mistress Didlington se ha alguns restos desses guizados que são destinados para as pessoas da qualidade deste pobre rapaz?

PEPPER.

Sim, ossos que ainda não estejam de todo roidos, senhor, pão que os ratos já não pôdem roer; não é quanto basta?

TOM.

Não queria dizer tanto. Este pestesinho não abre a bocca senão para cuspir vinagre. Quero pelo contrario que este bom homem coma carne como em casa de Daniel, e pela terceira vez da sua vida.

PEPPER.

Agora entendo melhor. Havia justamente um bello pato de Solan no espeto, escorrendo ainda, e que deve agora estar assado, se é verdade o que dizia a cantiga sorna que cantava a frigideira quando eu lá estava.

TOM.

Mas, Pepper, parece-me... que um pato de Solan... em Londres neste momento é um phenix, uma iguaria de preço. Não é uma razão para te eu aconselhar que não fiques com ella, o preço nada vale, mas é que evidentemente te enganastes.

selhar que não fiques com ella, o preço nada vale, mas é que evidentemente te enganastes.

PEPPER.

Oh! visto que não é o preço que vos importa, vossa honra sabe que nisso ninguem se pôde enganar, mesmo quem tem nariz escossez. Um pato de Solan traz o seu perfume consigo como uma lady que vae ao baile; e este que é da melhor qualidade e de bom preço, fico por isso, tem um perfume de terra tão perfeito, que se mandou assar no pateo para não infestar a taberna...

TOM.

Mas...

PEPPER.

(Vivamente). Porto para o Irlandez tambem, dissesstes?

TOM.

Nada; serveja, two-penny.

PEPPER.

Ora! o pato de Solan, e além disso, para a sobre-mesa, um pudding que vi amassar esta manhã...

TOM.

(Encolorizado). Ah! acho que...

PEPPER.

(Interrompendo). Daqui a bocadinho trazemos a carregação.

(Salta em dois pulos os degraus da igreja de S. Paulo e corre para a banda da taberna.)

PAT.

(Consigo mesmo). Daniel não tinha encommendado um jantar de lord-maire diante de mim; mas tinha-me convidado francamente para a sua mesa.

### SCENA III.

TOM, PAT.

TOM.

Indiabrado! Que malicioso macaco que é este Pepper! Um espirito infernal, malicioso e desavergonhado até nas pontas dos dedos. Não é o mendigo solemne dos tempos passados, o mendigo precóce, industrioso e brejeiro de hoje. Tem tão excellentes disposições, que me teria por feliz se elle fosse meu filho; mas é-me difficil conserval-o por lacaio.

PAT.

Pois que! E' meu lacaio?

TOM.

Posso eu com semelhantes pernas passar sem um correio que me faça os meus recados, e previna o criado da cadeirinha?

PAT.

Como! Um criado?

TOM.

Sim; um criado para me puxar a cadeirinha.

PAT.

A cadeirinha! E a cadeirinha tambem é vossa?



TOM.

Certamente.

PAT.

De véras, senhor... Devo dizer senhor?

TOM.

Dizei, senhor, ou simplesmente vossa honra.

PAT.

Na verdade, que um mendigo tivesse um laçao para o servir, uma cadeirinha para o transportar, é cousa que não podia entrar na cabeça de um homem que se julga feliz por possuir uns pessimos çapatos.

TOM.

Continuemos a conversa, do ponto em que a tinhamos deixado. Divido em duas cathogorias as ressuras necessarias a um mendigo: uma contem os meios phisicos e materiaes, taes como as enfermidades, disformidades, enormidades, gibosidades e monstrosidades; e outra os meios intellectuaes, nos quaes se comprehendendo a parte diplomatica, as ligeirezas de mãos, os talentos agradaveis ou de importunidade. Quero interrogar-vos sobre o primeiro ponto. Porque enfermidades podeis arranjar freguezes? Feliz daquelle de quem se pôde dizer como disse Vergilio; *Quo non est turpior alter.*

PAT.

Oh! senhor, os mais tristes accidentes do mundo teem passado por este corpo.

TOM.

Melhor! melhor!

PAT.

Que dizeis?

TOM.

Nada, nada. Continuai.

PAT.

Em pequeno, (com sua licença) guardava porcos; depois quando cresci, como era forte, ainda que hoje não restem já signaes disso, fiz-me jornaleiro, e...

TOM.

Silencio por um instante; tenho que tirar uma pena de uma ave do mar. (*Um commodoro, vestido com uma farda velha, chega ao peristylo e dispõe-se a entrar para S. Paulo*). Commodoro, permitti-me que vos chame á falla; colhei as vélas por um instante para vos chegar bordo a bordo a uma pobre charrua que já perdeu metade do velame.

O COMMODORO.

Olá! Recebestes estragos no mar, meu pobre Jack? (1).

TOM.

E' isso mesmo, para maior gloria do nosso tio George. Estava ao pé de um tonel de alcatrão que se incendia n'um combate que deu a *Andromada*, e que se entornou no cavername. Ah! Talvez que eu chegasse a *master*, senhor Commodoro, um official; porque era bem visto pelos chefes, e teria sabido como qualquer outro deitar a minha ancora em bom

(1) Marinheiro.

porto; mas agora aqui estou como o casco de um navio velho que deu á costa ao pé de uma igreja.

O COMMODORO.

Os lobos velhos como eu devem consolar um homem valente que vestiu jaqueta n'um navio do rei. Aqui está para ter a razão segura um par de dias!

TOM.

Duas coroas, senhor! uma bala bem apontada, e que acertou ao lume d'agoa. Obrigado, senhor commodoro. Hurra por a velha Inglaterra! (*Sacudindo o chapéu no ar*).

O COMMODORO.

Bom, meu amigo. Quando passar, ás vezes, darvos-hei algumas bordagens no genero desta. (*Entra na igreja*).

PAT.

Foste marinheiro e recebeste essa ferida n'algum combate?

TOM.

((*encolhendo os hombros*.) Que tolo!

(Continua.)

---

## POESIA.

### A VOZ DO CEGO

RECITADA PELO AUCTOR NA SESSÃO DO GREMIO LITTERARIO.

Sou cego! N'uma batalha  
A minha vista perdi!  
Triste de mim que a mortalha  
Me não cubrio logo alli!  
Eu n'este mundo que faço  
Se não posso dar um passo,  
Se para tudo morri?

Se a minha espada valente  
Senti cair-me da mão?  
Se já não posso ir na frente  
Defender esta nação!  
Se morta está minha esp'rança...  
E do que fui a lembrança  
Me punge no coração!

Era feliz quando via  
Na aurora o meigo arrebol!..  
Dizem-me agora que é dia  
Os cantos do rouxinol!  
Diz-m'o da brisa o bafejo...  
Sei que é dia... mas não vejo!..  
Ai! Não vejo a luz do sol!



Em vão levanto a cabeça  
Tentando mirar o céu!  
Sempre esta nuvem espessa!  
Sempre o mesmo escuro véo!  
Inda sei que o sol existe  
Porque a fronte — embora triste  
Com seus raios me aqueceu!

Sei que vive a flor no prado,  
Que me embalsama este ar;  
Porque á tarde eu vou callado  
O seu perfume aspirar!  
Ao escutar um gemido  
Longo... longo... bem sentido  
Eu sei dizer — é do mar!

Sei erguer á Divindade  
A minha triste oração  
Quando falla a tempestade  
Na rouca voz do trovão;  
Quando nas agoas revoltas  
Vae roçar co'as azas soltas  
Rugindo o negro tufão!

Mas as douradas estrellas  
Que eu tantas vezes fitei...  
Que em doces sonhos ao vê-las  
Esta minh'alma emballei?!  
Ainda no céu fluctua  
Aquella pallida lua  
Nas noites, que tanto amei?

Do astro saudoso ao lume  
Porque lhe falta o calor?  
Ou ás estrellas perfume  
Como esse que exhala a flor?!  
Se já não posso fitar-te  
Não me é dado adivinhar-te  
Ao menos, — noite d'amor?

De certo te adivinhava  
Se a voz podesse escutar  
D'essa mulher que eu amava  
Como ninguem soube amar!  
Fallava com tal encanto,  
A voz tremia-lhe tanto  
N'uma noite de luar!

E depois contra o meu braço  
Apertava o peito seu!  
Como era curto o espaço  
N'ess'hora: da terra ao céu!  
Aquella perola d'agoa  
Foi partil-a n'uma fragoa  
Da morte o bravo escarcro!

Que m'importa pois a vida  
Se o prazer que a vida tem  
E' como a rosa caída  
Que entre os urses murchar vem.  
Quem pôde dar-me alegria?  
A minha noite... o meu dia  
Quem pôde dar-m'o? Ninguem.

Oh! Maldita essa batalha  
Onde os olhos só perdi!  
Triste de mim que a mortalha  
Me não cubrio logo alli?  
Eu neste mundo que faço  
Se não posso dar um passo  
Se para tudo morri?

F. Palha.

## RIFÕES PORTUGUEZES.

(Continuado do n.º 25.)

### Amigos.

Em tempo de figos não ha amigos.  
Mil amigos é pouco, um inimigo é muito.  
Amigo de todos e de nenhum, tudo é um.  
Nem amigo lisongeiro, nem frade sem mosteiro.  
Preso e captivo não tem amigo.  
Amigo de muitos, amigo de nenhum.  
Amigo de todos, e da verdade mais.  
Amigo do bom tempo, muda-se com o vento.  
Mais valem amigos na praça, que dinheiro na arca.  
A casa do amigo rico irás, sendo requerido; e a casa do necessitado, sem ser chamado.  
Onde te querem muito, não vás a miudo.  
Do amigo reconciliado, e do caldo requentado, nunca bom recado.  
Amigos que desaparecem, esquecem.  
Muitos são os amigos, poucos os escolhidos.  
Nunca foi bom amigo, quem por pouco quebrou a amizade.  
Não ha melhor espelho, que amigo velho.  
A mortos e a idos não ha mais amigos.  
Amigo que não presta, e faça que não corta, que se perca pouco importa.  
Bebe e come com teu amigo, não trates negocios com elle.  
Não te fies no céu estrellado, nem em amigo reconciliado.  
Nunca queiras do teu amigo mais do que elle quizer contigo.  
Mais vale amigo, que parente.  
Arrenego do amigo, que come o meu comigo, e o seu comsigo.  
Renego do amigo, que cobre com as azas, e morde com o bico.



Amigo velho, toucinho e vinho anejo.  
 Ao amigo e ao cavallo, não apertal-o.  
 Entre amigos e soldados, cumprimentos são escusados.  
 Amigo de um, inimigo de nenhum.  
 Amigo de montanha, quem o perde o ganha.  
 Bocado comido não ganha amigo.  
 Nem erva no trigo, nem suspeita no amigo.  
 No arruido se conhece o amigo fingido.  
 Dissimula-te com o teu amigo, e encobre o seu nome ao teu inimigo.  
 Amigo quebrado sarará, mas não soldará.  
 O que deseja ao amigo grande prosperidade, deseja que se desfaça a amizade.

*Amor.*

Amor póde muito, o dinheiro tudo.  
 Não ha prizões bellas, nem amores feios.  
 Amor e reino não quer parceiro.  
 Lua de Janciro, e o amor primeiro.  
 Amor de menino, agoa em cestinho.  
 O amor e a fê nas obras se vê.  
 Amor, dinheiro, e cuidado não póde estar dissimulado.  
 Amor, tósse, fumo e dinheiro não podem encobrir-se por muito tempo.  
 Guerra, caça e amores, por um prazer, cem dores.  
 Amor com amor se paga.  
 Nem de malva bom vencilho, nem de estrume bom odôr, nem de moço bom conselho, nem de rameira bem amor.  
 As sopas e os amores, os primeiros são os melhores.  
 O amor a ninguem dá honra, a muitos dôr.  
 Amor louco; eu por ti e tu por outro.  
 Amor e senhoria não quer companhia.  
 Em casa e em amores entra-se quando se quer, e sahe-se quando se póde.  
 Vão-se os amores, e ficão as dores.  
 Ninguem larga sem dôr o que possui com amor.  
 Quem tem amores não dorme.  
 Contra amor e contra a morte, não ha contraforte.  
 Quem casa por amores, máos dias, nóites peores.

(Continua.)

---

## INDUSTRIA E SCIENCIAS.

---

CURSO SOBRE AS MACHINAS DE VAPOR — FEITO NO  
 GREMIO LITTERARIO POR O SR. JOSÉ MARIA  
 DA PONTE HORTA.

### INTRODUCCÃO.

SENHORES.

A obrigação que me impuz; o compromettimento que tomei perante esta sociedade — é de sua natureza

tão serio e grave — que confesso realmente, que tenho por vezes desanimado, pensando nas difficuldades que hei-de encontrar no cumprimento de uma semelhante tarefa. — E devo confessar-vos, que ao passo que se ia aproximando a epoca em que eu devia dar começo ás minhas lições, ia ao mesmo tempo apparecendo-me mais claramente toda a minha insufficiencia, e a exiguidade do meu cabedal scientifico. — Poderis comprehender agora se eu tinha ou não motivos fortes para estar assustado.

Imaginar eu que devia tirar-me da sombra, que é o meu logar — para ir apparecer só, isolado, completamente desappoiado — a representar um papel, que é em si tão distincto, mas tão difficil — que devia ir desarmado occupar uma posição, que só se conquista á força de trabalhos, vigílias, e talentos — era estar de baixo de uma influencia cruel, mas a cuja acção me não podia subtrahir; porque me havia compromettido solemnemente a professar este curso n'uma irreflexão ambiciosa e imprudente — havia-me compromettido solemnemente; e para mim, um compromisso solemnemente é um preceito de honra.

Mas é justo que diga — que assim como haviam motivos tão poderosos, que me faziam arrecear da responsabilidade que pezava sobre mim — em compensação haviam outros que militavam em meu favor, proprios para dar-me coragem, e fazer-me atravessar com um passo seguro este caminho tão perigoso e assustador.

Quereis saber quaes eram essas razões animadoras? — Eu vol-as digo.

Tinha a convicção intima de que haveria benevolencia na avaliação das minhas idéas, e do alcance das minhas lições; — porque as capacidades reconhecidas, e os professores distinctos, a quem as minhas lições nenhum conhecimento podiam adiantar, e que todavia me quizessem ouvir — esses — ao lado da gloria tão devidamente merecida, não deixariam de ter a generosidade, que é a sua nobre e constante companhia. Desses a benevolencia era certa.

E para os cavalleiros, que por ventura poderiam utilizar das minhas lições, para esses — seria injustiça o fazer um crime daquillo, de que haviam de aproveitar.

Inimigos accintosos. — Esses não os tenho, porque só o genio os cria.

Já vêdes por tanto que contava com uma assembléa disposta favoravelmente.

Além disso — como havia sido impellido insensivelmente pelo desejo de cooperar com todas as minhas forças para essa obra d'utilidade publica, cujos fundamentos iam ser lançados pelo Gremio — Eu entendia que o desejo sendo bem nobre — se o operario não correspondesse ao pensamento do architecto — merecia ao menos que a dedicação lhe fosse respeitada. — Que se o homem fosse esquecido — a sua intensão devia ser lembrada.



Havia ainda uma outra razão, senhores, e esta é talvez para mim a mais forte de todas.

Em harmonia com um bello pensamento poetico d'um escriptor oriental, que diz:

«O que não communica aos outros homens aquillo que sabe, assemelha-se ao myrtho do deserto, cujos perfumes ficam desaproveitados para todos.»

Eu entendia que offerecer-me a expôr e franquear o que soubesse sobre uma especialidade dos conhecimentos humanos; era entregar á communidade, para ser repartida, a minha unica riqueza tal qual a tinha, era procurar nivellear-me com meus irmãos, era finalmente trabalhar como podia para a egualdade.

Colloquei esta razão em primeira linha; porque o procedimento que ella excita está perfeitamente nas minhas idéas de relação para os outros homens.

Foi a ella especialmente, que eu devi o vir entregar-me com affeição a todas as eventualidades do successo — e a achar-me agora neste lugar.

E' sobre machinas de vapor, senhores, que eu tenho a intenção de vos fallar.

Sobre o vapor, como força mechanica, applicada e apropriada ás exigencias da producção. — Basta este distico para o nosso estudo ficar plenamente justificado.

Não é com uma superfluidade ou insignificancia que pretendo occupar-vos o tempo. — E' sobre um facto memoravel na historia dos inventos, sobre um facto capital na vida das nações, que se acha intimamente ligado (e bastar-lhe-ia esta relação para ter humanamente importancia) com esse magnifico problema dos destinos sociaes, que constitue hoje o principal objecto de todas as discussões; problema de maximos e minimos, em que se pretende conseguir o maior numero de productos, com o menor dispendio de força humana e cujo gozo se estenda ao maior numero.

Tal é o problema que está posto á nossa epoca, e que formulado por este modo deixa vêr claramente que se trata d'uma questão mechanico-social; e para cuja solução é indispensavel o conhecimento completo do poder das machinas; porque é a mechanica pratica que pertence á primeira variavel do problema — a segunda é do dominio do direito publico.

Se já Fourier resolveu em parte o problema que indicámos, não o discutiremos agora aqui, por ser uma discussão alheia ao nosso assumpto; no entretanto tributaremos nesta occasião ao inventor das atracções humanas a homenagem, que é sempre devida aos genios.

Já podeis reconhecer que o estudo sobre machinas pela ligação directa, que elle tem com uma questão vital — com a questão de maior importancia que se pôde imaginar perante a humanidade — é um estudo necessario e de primeira ordem.

Além disso — ainda quando partilhassemos, que não partilhamos, das idéas de Sismondi, Montesquieu ou Colbert; que cressemos na influencia nociva das ma-

chinas nas sociedades, no seu poder destruidor da ordem, na sua acção subversiva das sociedades — ainda assim, senhores, eu entendia que o estudo d'uma materia, que recebeu a excommunhão desses patriarchas da sciencia social, devia ser feito com muita circumspecção e profundidade: que se devia ir de boa fé investigar quaes eram as condições boas, e as condições más das machinas, estudal-as na sua applicação, para ajuizar competentemente das suas consequencias. — A magnitude do objecto, e o dever que temos de ser justos na nossa avaliação, nos impunham a severa obrigação de fazermos o estudo d'um objecto que assim mereceu a repulsa preempetoria d'auctoridades de tanto credito, — o estudo das machinas — considerado ainda debaixo deste ponto de vista — seria um estudo justo e indispensavel.

Mas as circumstancias são muito differentes. — Não vamos proceder com uma intensão negativa; não vamos estudar para excluir, vamos conhecer para introduzir.

A exposição franca de Michel-Chevalier, os dados estatisticos que fallam tão alto e claro, e a nossa razão despida de preconceitos e prejuizos, de sobejo nos convencem de que a introducção das machinas, ampliada pela descoberta do vapor, foi um verdadeiro passo na estrada do progresso; passo gigantesco, que ficará eternamente assignalado nesta peregrinação da humanidade, e de que — se por ventura aqui ou allí teem apparecido attritos prejudiciaes — não é ás machinas que devemos ir lançar acres imputações, é antes á inercia das sociedades, á difficuldade das transições, e á quasi impossibilidade de assentar uma innovação d'um modo uniforme e regular.

No mundo das idéas, como no mundo physico é sempre assim.

Esses abalos assustadores, essas concussões fataes, que ás vezes parecem querer arremessar as nações a um estado de dolorosa decomposição, não são senão casos muito explicaveis pelas leis dessa mesma *Invasora Mechanica*.

Por tanto, senhores, depois do que havemos dito, espero que concordareis comigo em que o estudo deste objecto é um estudo necessario, indispensavel.

Mas ainda é mais do que isso; é um estudo util e altamente importante. Porque estudar as machinas, comprehender bem o poder da mechanica nas suas applicações, observar a maneira variada com que ella se dobra a todas as especulações da pratica, vêr como ella faculta as suas leis, como fornece as suas combinações abstractas para tomarem um corpo, uma realidade sensivel, ou uma forma aproveitavel, é, senhores, estudar a industria na sua origem mais fecunda, é comprehender todo o alcance da producção; e é — e nisso consiste a sua principal utilidade — prepararmos para lhe recuar os limites.

Tal é o grande serviço que as sociedades esperam da mechanica.



Aos brados de fraternidade e liberdade, que ressoam de todos os angulos da terra, a economia politica responde — PRODUZI. — E o homem volta-se para a mechanica, e diz-lhe — AJUDA-ME. — E entre estas duas palavras se contém um presente de esforços inauditos, de trabalhos incessantes, e de dores pungentes; mas um futuro radiante d'esperanças, e um horisonte cheio d'harmonias.

E' á mechanica, que incumbe elevar o homem á altura da sua missão na terra, é ella a sciencia predestinada para representar um dos mais importantes papeis na regeneração das sociedades.

Tenho por tanto direito de concluir, que o estudo das machinas é não só necessario, mas é util e altamente importante.

Agora, Senhores, depois de haver procurado fazer-vos interessar pelo estudo deste objecto, depois de haver chamado a vossa attenção sobre o facto irrevogavel da existencia das machinas no seio das sociedades modernas; depois de haver assim penetrado nos dominios da Economia Politica, onde me chamou o intimo e necessario parentesco das sciencias entre si: tendo, para assim dizer, conseguindo lançar a primeira triangulação do nosso estudo, e assentado os primeiros trabalhos, entremos no nosso campo; estreitemos mais os limites da operação: ataquemos o assumpto na extensão do seu raio. Façamos novas medições, mas no interior do esqueleto traçado.

E' das machinas de vapôr, das machinas d'um motor especial, que nós devemos tratar em detalhe. E agora, Senhores, convido-vos a que penetreis comigo n'esse mundo, de que Wath nos franqueou o accesso, a que investigueis comigo mais de perto, qual foi a influencia destas machinas sobre a industria, commercio, e civilisação; a que indagueis qual é a acção deste agente quasi fabuloso, que tende a absorver no seu exclusivismo todas as outras ordens de motores, como todos elles gravitam e se confundem na potencia mais forte; como em fim este motor tem conquistado pela sua omnipotencia e universalidade a primasia entre todos os outros.

A descoberta do vapôr como força, e o aproveitamento, para assim dizer, material desta força á confecção de trabalho util, é indubitavelmente um dos triunfos, que mais honra o espirito inventivo do homem.

Foi um verdadeiro acontecimento universal, que bem podéra servir d'epoca para a contagem do tempo.

A industria é-lhe crédora dos seus melhores e mais perfectos productos — duplamente crédora; porque não só lhe proporciona, lhe apresenta a materia prima; mas a elabora depois, variando-a ao infinito.

O commercio não lhe é menos devedor. O vapôr confecciona a obra, e depois vai conduzi-la veloz como o pensamento ao mercado do consummador. Liga o productor ao consummador: é em si a chave do commercio, e pôde leval-o a assentar nas suas verdadei-

ras bases moraes, evitando as especulações illegitimas do commerciante, e as perniciosas fluctuações do mercado. Porque o vapôr anima as locomotivas, e as locomotivas são um distribuidor zeloso, que vem derramar por toda a aria d'um reino, as reservas, que engorgitam as cavas e armazens das provincias mais productivas; e que por ventura seriam reservas este-reis se se deixassem adormecer no canto em que nasceram.

As sociedades, como um corpo moral, devem-lhe muito debaixo de todos os pontos de vista — nas suas relações intra-nacionais, e nas suas relações externas.

Antes de 1769, antes de Manchester haver assentado a pedra angular desta multipla applicação, as manufacturas estavam dispersas pelos districtos os mais remotos. Não erão os motores, que se subordinavam ás machinas, erão estas que se ião applicar aos motores. — Assentavam-se, estabeleciam-se onde a natureza queria apresentar a força.

Mas hoje, depois das descobertas de Wath, Perier e Fulton, hoje que o homem cria a força, e a faz terminar á vontade; hoje que dilata e contrae como lhe apraz, e quando lhe apraz, essa mola da produção, sem que reste outro vestigio senão o trabalho confeccionado; hoje que elle pôde dar vida á força na caldeira, e fazel-a morrer no condensador; — hoje o grande motor ficou sujeito á vontade do homem. — E com essa victoria as manufacturas foram transportadas dos logares mais desertos e inacessiveis ao seio das cidades e dos povoados; vieram reunir-se debaixo do mesmo tecto os diferentes membros d'uma nação, como os diferentes braços d'uma industria. As idéas hoje communicão-se com a mesma rapidez, e com o insensivel deslocamento com que a materia prima se transforma á vista n'um estofa perfectamente acabado.

Descobriu-se o seguimento, a continuidade nas diferentes operações da industria, como os contactos e as ligações nas diferentes classes da sociedade. Economisou-se o tempo perante a industria, como se economisou perante a civilisação.

Com a descoberta deste motor as sociedades ganharam uma verdadeira reforma nas suas instituições civis.

Debaixo do ponto de vista das suas relações externas as sociedades não devem menos ao vapor.

Pela acção delle cahiram as fronteiras, que separavam as nações entre si, e estas ficaram prezas depois por laços fraternos. Aproximaram-se, e pozeram-se em sociedade intima. O homem individuo, o membro da sociedade ganhou uma aria d'existencia mais ampla; transportado quasi momentaneamente do meio dia ao sul, e do sul ao norte pôde ir formular as suas crenças e opiniões pelas opiniões e crenças dos outros homens: o seu observatorio é toda a terra, pôde correl-a em todos os sentidos; a sua vida dilatou-se.

Para não vos fatigar mais fallando-vos das interminaveis vantagens do vapor, terminarei dizendo-vos que,



para mim, a descoberta do vapor foi o complemento necessario á descoberta da imprensa. — Uma deu ao genero humano a posse do mundo physico, e a outra a do mundo intellectual; e ambas ellas formam a egualdade santa do Evangelho. — Pobres e ricos offertam e procuram as idéas nos mesmos livros, nas mesmas formulas. Ricos e pobres são transportados com a mesma velocidade, impellidos pela mesma potencia, levados no mesmo comboio, d'um ponto a outro do globo. Pobres e ricos chegam ao mesmo ponto no mesmo tempo, tanto no mundo das idéas como no mundo physico. — As desigualdades desapareceram de direito.

Analysemos por tanto uma machina de vapor na sua constituição, estudemol-a em si, em relação ao seu organismo, debaixo do ponto de vista da harmonia, e do completo das suas partes; isolemol-a de tudo, e estudemol-a assim. Deste modo comprehendemos onde está o segredo da sua influencia, obtaremos pela analyse o verdadeiro algarismo da sua acção, e concluiremos em fim que o quadro, que desenhámos, nada tem de exaggerado.

E com effeito, senhores, uma machina de vapor, como hoje se construc, é uma entidade completa em todas as suas partes, e que se basta totalmente a si.

O homem, pela força do seu genio, fez uma entidade á sua imagem, deu-lhe órgãos, valvulas, articulações, véas para a circulação da força vital, e até lhe deu voz. Creou um gigante de ferro, e o gigante de ferro tem por vezes dominado o homem.

Maravilha, confunde tanta perfeição e harmonia. — Alavancas, cylindros, bombas, excentricos, manivelas, volantes, &c., são os differentes órgãos deste monarcha da industria.

A caldeira, como se fôra o estomago, recebe o sustento da machina; o cylindro pôde-se dizer, que é o thorax della; os tubos são os canaes de circulação do fluido vital; o embolo é o coração, é dalli que parte o movimento. As suas oscillações pôdem ser tão perfectas como as oscillações d'um pendulo, como o bater d'um coração. — O Balanceiro é a grande alavanca conductora do movimento a todo o corpo da machina. Volante, valvulas, pendulo conico, são órgãos complementares, mas importantes, que modificam e regularisam a economia desta entidade. As bombas, depositos, e canaes d'educção, são órgãos, que completam o circulo da vida do aparelho. — O completo da parabola justifica plenamente a minha asserção.

Entrai n'uma officina, e perguntar-vos-hei se vos não maravilha esse ar quasi nobre, quasi reflectido, com que as differentes peças desta criação se movem, se subordinam, e se harmonisam!! Olhai para a obra, que se confectiona, e dir-me-heis se vos não espanta tanta perfeição com tanta velocidade?!

E debaixo desta impressão, pergunto-vos se vos não nasceu o desejo de estudar a physiologia desta criação miraculosa, de penetrar nos mysterios da sua exis-

tencia, e de possuir o segredo da vida desse Briareu manufactor?! Estou certo que nasceu; porque satisfaz o vosso orgulho de homem o avantajar-vos, ao menos com a vossa intelligencia, a quem tanto vos excede em força.

Taes foram, senhores, as razões que me levaram a escolher este objecto para assumpto das minhas lições; convencido da sua grande importancia, e da necessidade de propagar estes conhecimentos no nosso paiz.

Se eu não poder desempenhar esta tarefa com a perfeição que desejava; se não tiver a felicidade de levar a sciencia ao animo de todos, se não tiver a clareza, e a deducção continua e logica tão necessaria para a facil intelligencia das doutrinas, que se expõem; espero que os meus ouvintes acreditarão que essa falta se não deve attribuir a menos seriedade, ou menos esforço empregado da minha parte para conseguir esse resultado.

Tenho pensado bastante na maneira de ser claro e systematico; porque entendo que em cursos desta ordem, e nas circumstancias especiaes em que são feitos, são essas as condições, que primeiro se devem levar em vista.

No meio das investigações theoricas, não abandonarei a pratica. Hei-de sempre resumir as abstracções da algebra em formulas numericas de facil e ampla intelligencia, porque entendo que nestes estudos d'applicação é sempre conveniente destacar os resultados, que pôdem ser d'uma immediata realisação.

O nosso programma, a nossa ordem das materias será a seguinte:

Estudo do vapor; sua natureza physica, seu poder mechanic, seu modo d'existir nas machinas.

Segundo uma tal constituição e um tal poder, concepção d'uma machina de vapor, formação ideal d'um systema, em que esta força possa ser aproveitada.

Discripção d'uma machina de vapor, á vista d'um modello. — Nomes, fins, e usos de cada uma das suas partes.

Historia rapida do invento, até ao estado de perfeição, em que hoje se acha.

Classificação das machinas de vapor, avaliação do principio em que ella se funda.

Theoria geral das machinas de vapor.

Como se tornam praticas e aproveitaveis as differentes formulas algebraicas, a que a theoria nos houver conduzido.

Retro-specto sobre todo o curso. — Justificação das primeiras proposições pelos ultimos resultados. — Verdadeira conveniencia em aprofundar este estudo.

Adoptei este programma, por me parecer o mais natural; e por abranger em toda a sua extensão a doutrina sobre machinas de vapor. — Acredito que quem quizer seguir o meu curso regularmente, em todas as suas partes, poderá fazer uma idéa mais ou menos completa, do que tem a estudar sobre este ob-



jecto. Terminarei a minha introdução repetindo-vos o que já vos disse.

Se tiver a felicidade de conseguir que alguém aprenda com as minhas lições, terei alcançado o grande premio do meu trabalho.

DOCUMENTOS RELATIVOS A D. JOÃO DE CASTRO.

(Continuado do n.º 37).

Este inverno passado se amotinarão em Dio cento e cincoenta Soldados a que os Indios chamão Lasca-rins, e tomarão ho Baloarte grande virando segundo dizem as bocas das bombardas escontra a fortaleza, foi necessario para concerto pagarem-lhe certo dinheiro; provera a Deos que os vira eu mortos e a fortaleza lavrada a sál antes que os Portuguezes gostarem de . . . . e sahirem tauto em salvo com elles. Para segurança desta terra dizem quó, que cumpre mandar ElRey muita gente, e dinheiro, e creio eu que assim o escrevem a S. A. mas amim parece-me que com hum só homem aremediaria ho qual fizesse justiça, e castigasse como fazia Dom Henrique (2) grande, e singular varão ho mais de nossos tempos.

Porque sei que em Portugal, e assim mesmo na India se enganão com a gente, que anda nestas partes direi a V. A. a verdade do que passa; bem pode ser que na India sejam lançados seis ou sete mil Portuguezes, porem tenha V. A. por certo, que não ha dois mil para dár batalha aos Turcos, e o Governador fazer mais do empocivel ajuntara dois mil e quinhentos, e estes desarmados, porquanto as armas que do Reino vem recolher-se nos almazens do Audecão, e Hedalcão. Ho furo de se consumirem tastos Portuguezes está muito craro porque morrem enfenitos este enverno somente nesta Cidade de Goa são mortos por rol dos Officiaes da Mezerecordia perto de sette centos homens, em Choromandel andão continuamente seis centos homens, Malaqua, Malaquo com até terras dessas partes recolhe enfenidade de Gente, ora os que vão paõ ho . . . . i espalhaõ polla terra firme não tem conto, de modo Senhor que não só-mente a India he abastante de sumir a gente de Portugal mas quanta há em toda Europa.

Ho Governador (3) está de caminho para dár em Xoes, e queimár as galez dos Turcos leva quarenta a

(2) O governador de quem D. João de Castro aqui falla foi D. Henrique de Menezes Roxo, que no anno de 1525 succedeu ao Vice-Rei D. Vasco da Gama, pela primeira via de successão que se abriu, e governou até aos fins de Fevereiro de 1526 que falleceu em Cananor.

(3) D. Estevão da Gama que succedeu ao Vice-Rei D. Gracia de Noronha e governou o Estado desde Abiril de 1540 até Maio de 1542 em que entregou o governo a Martin Afonso de Sousa. Era filho de D. Vasco da Gama o Descubridor.

centoenta fustas segundo agora está orçado, esta viagem tem agora que está em termos de se fazer tanta contrariedade como proveito quando ao Vice-Rey negava porque Senhor em vida do Vice-Rey se um homem topava com houtro em lugar de ho salvar fazia grandes caramunhas que se perdia a India por não hir o Vice-Rey a Xoes queimar estas galez pedindo esturmentos, e fee do que deziaõ, agora dizem que se perde a India porque vão lá. A hida me parece a mais obrigatoria que nem huma couza outro nem eu o saberia emaginar como se podesse sustentar esta terra estanda estas Galez em Xoes, verdadeiramente creio, que ho mesmo tem todas pera si, mas naturalmente são os homens da India tamanhos imigos mortaes dos Governadores, que se não contentaõ ate hos desfazer em pó. Eu Senhor fico este anno na India para hir a Xoes com o Governador, eu ho fazer assim cuido que faço algum serviço a ElRey pois que nesta jornada gasto toda minha fazenda, e ponho em grandes perigos a minha pessoa se me Deos tras vivo deste caminho na primeira embarcação que achar me herei para Portugal sem couza deste mundo mo poder estorvar, salvo virem os Turcos ha India: peço a V. A. por sua Real cremencia, que o haja assim por bem. Nosso Senhor guarde, e acrescente a vida, Real Estado de V. A. De Goa aos trinta dias do Mez de Outubro de 1540.

PUBLICAÇÃO DO THEATRO DO Sr. R. FELNER.

O Sr. Rodrigo Felner tem enriquecido o theatro portuguez com uma collecção de peças, que vivem não só no repertorio, mas na memoria do publico. Observador sisudo do mundo, experiente nos recursos da scena, e senhor das posses da lingua, sabe ferir os erros, desenhar os costumes, e retratar os caracteres com toda a viveza. O imitador (antes auctor) — do «Pae da Actriz» —, da — «Mazella» — e da — «Innocencia e Calumnia» — vê-se que estima a arte, porque a conhece, e que sabe ornar a verdade sem a desfigurar.

Ha muito tempo que os amadores do theatro desejavam possuir pela imprensa as peças que applaudiram no palco. Este repertorio comico, tão rico em typos exactos e populares, fórma um quadro, onde como em espelho perfeito, se reflecte a imagem dos costumes e o coração dos homens; e o dominio da publicidade, onde entrará se o auxilio dos que pressam as letras socorrer os desejos do auctor, ha-de ser mais uma prova do seu merito. O preço (240 réis) de cada volume não excede os meios mais modestos; e de certo ninguem deixará de querer um exemplar do «Pae da Actriz» com tão leve sacrificio.

Ao repertorio do Sr. Felner está ligada a gloria dos



actores. Quem esqueceu o Pae da Actriz, o Sr Sarzedas? sua filha a Sr.<sup>a</sup> Delfina, e Dionizio Feio, litterato, o Sr. Rosa? E' virtude propria das boas comedias esta de reflectir para os artistas parte do triumpho, que exalta o poeta. Na «Innocencia e Calumnias» ha o bello dialogo amoroso, em que tanto sobresahiram a Sr.<sup>a</sup> Emilia e o Sr. Tasso. Na «Mazella» temos ainda o papel do pintor, e o do escrivão, que foram tão bem desempenhados pelos Sr.<sup>s</sup> Sarzedas e Lisboa. Assim os curiosos ao passô que estudarem as peças recordarão a interpretação dada ao pensamento do escriptor por artistas distinctos.

Esperamos, pois, que o publico concorra com o seu auxilio para que esta publicação estimavel não fique como tantas outras em projecto. O talento comico do Sr. Felner teve a consagração de exito mais feliz e legitimo — o applauso na scena. Confiamos que não lhe faltará tambem o da imprensa — quando para o effectuar tão pouco custará aos amigos das artes scenicas.

As assignaturas fazem-se nas lojas do Sr. Martins Lavado, na rua Augusta n.º 8, e Carvalho ao Chiodo, defronte da rua de S. Francisco.

### CHRONICA.

Pedimos, voz em grita, para a typographia da *Epoeca*, do nosso jornal, o mesmo obsequio que o califa Omar fez á famigerada bibliotheca de Alexandria — um incendio!

Ameaçamos o nosso mestre e amigo redactor-mór, de ser empalado pelos cotovelos, n'um ponto d'admiração de parangona!

Condemnados todas as semanas áquelle doloroso sacrificio que Nero infligiu a Esporo — soltamos, no auge da nossa desesperação, este brado tremendo, que mal poderá mitigar as dores que temos curtido.

A chronica passada sahio «em meio corpo», o resto ficou de escabeche! Os leitores nos perdoem estes «petiscos requentados» que hoje lhes offerecemos, a culpa não é nossa. A nossa copa e cozinha estão sempre recheiadas, lá na imprensa porém, quando põem a meza ao «respeitavel publico», é que sonegam os acepipes, por falta d'espaco, bem entendido.

E saibam todos quantos esta chronica lerem ou soletarem, que o dizerem por ahí esses folhetinistas e revistadores (vulgó, revisteiros) que ha falta de successos e novas para elles guizarem — é um falso testemunho levantado a este seculo, mais fertil do que nenhum outro, em todo o genero de raridades, e cousas incriveis. Hoje ninguem pôde dizer isto com verdade. Vieira escrevendo nos fins do seculo 17, de Roma ao marquez de Gouvêa, dizia: «Senhor, vão os annos tão estereis de novidades, que se o começarem uns e acabarem outros, nos não der esta tão or-

»dinaria materia (as boas festas), não haverá com que »encher um quarto de papel, ainda que seja tão pe- »queno como este romano.» Actualmente é o inver- »so, o que se passa não cabe no moderno papel conti- »nuo! E tanto isto é assim, que nos affoitamos a fazer o seguinte annuncio para ser inserto em todos os jornaes desta cidade:

«O Barão d'Allenim toma por arrematação o fornecimento de todas as noticias, aneddotas, e boatos necessarios, para o consummo semanal das revistas, chronicas e folhetins desta capital. Quem quizer offerrecer o seu lanço, dirija-se ao escriptorio da companhia das pescarias lisbonense, ao Paço da Madeira, desde o pôr até ao nascer do sol.»

Este negocio pertence todo ao nosso alviçareiro.

«Agora que se siga a lenga lenga.»

(*Trag. burlesca do Sr. F. Palha.*)

Quer dizer — siga-se a chronica.

Estamos na primavera, sem termos passado pelo inverno (esta novidade é das que não entram na arrematação, bem se vê). Daqui a poucos dias temos as barcas dos banhos no Terreiro do Paço, e resuscita o homem das ventarolas e do caramello — tudo isto em Março!

Portugal, tão costumado a governar-se em secco, faz preces pedindo chuva! Quer dizer, que andando todos nós *methaphoricamente* a pedir chuva, obrigamos tambem as imagens santas a pedirem-na *litteralmente* pelas ruas em devotas procissões.

N'um reino catholico é isto mui respeitavel — quem não pede não o ouve Deus. Mas de que modo o pedimos nós? Veja-se a portaria do ministerio da justiça, onde se ordena que as preces se façam porque é costume pedir chuva quando ha secca, e pedir estio quando ha cheias! Parece incrível que se escreva isto! Pois a procissão de domingo 4, que vergonha! Toda a imprensa a censurou, e nós muito mais. Que clero é este nosso? Bem dizia Camões nos Lus. Cant. 10 est. 99. Não concordamos com os que estranham que o Senhor dos Passos não fosse para a Sé, visto demandar uma grande despeza que recahia sobre o cabido, porque sabemos que quasi todos os conegos estão onerados com grande peso de familia — mas a ausencia do prelado e do acompanhamento, isso sim. Affirma-se que quando a procissão sahio da Graça, andava S. Eminencia esmoendo o jantar passeando no seu jardim de S. Vicente de Fora! Quem é tão louavelmente assiduo nas funcções legislativas, não deve ser tão indolente no ministerio prelaticio. Dizemos isto com muita magoa, e com o mais sincero acatamento. Quando o clero entre nós (com poucas excepções) em lugar de ser o *sal terrae* do Evangelho, é uma salmoira corrupta e fétida, queremos que os bons exemplos venham do alto, e que se trate de o regenerar. Perguntamos, já se inqueriu do escandalo que o prior da Magdalena deu perante os proprios ministros d'estado, no funeral



do Sr. Dezembargador Rebello da Silva, escarnecendo de um ecclesiastico tão circumspecto, litterato e respeitavel como é o Sr. Tavares, prior de Santa Isabel? A pena que nós tivemos foi da cousa se apaziguar tão depressa, porque já tinhamos escorado a tocha, e haviamos de brincar bonito. Senhores, desenganemo-nos, n'um máu clérigo, é dar-lhe da coroa para baixo até o fazer alli morrer pela Fé, já que não tomam caminho!

Mal tinhamos acabado de escrever estas linhas, quando nos chegou a noticia de que o prior de S. Mamede, ferira (na igreja!) o seu proprio coadjutor, e esbofeteara um individuo que acudiu á briga! Que outra cousa se podia esperar do onzeneiro sordido, que faz trafico de adello na propria sachistia!, e que armazena no templo de Deus, os penhores que a miseria vai metter nas garras daquelle milhafre ecclesiastico!

O motivo deste escandalo e desacato, foi o ter emfim o Sr. Patriarcha mandado suspender este parochio indecente e estúpido, por não sabemos que nova queixa que delle fizeram; e suppondo que o coadjutor tivera parte neste acto de justiça, se vingára delle, atirando-lhe com um chave, que o ia matando! Sabemos que interveio a justiça, mas o clérigo villão está selto! Averiguaremos isto!

Está entre nós o Sr. A. F. de Castlho, o rei dos folhetinistas e chronistas (vid. *Guarda Avançada e Restauração*), e o padrinho da rapaziada litterata ou que para lá caminha (vid. a carta que elle dirigiu quinta feira ao abençoado redactor da *Revista Universal*). Trouxe-nos um famoso *vade mecum* para dar sovas, intitulado: *Ou eu ou elles*. Oh que alentada cousa! Aquillo é de atolar o dente chronistico por mais agudo e perfurante que elle seja. E' uma mina de textos, todos fulminantes, para nós outros pormos á cabeça das tundas que tivermos de dar; — por exemplo este a pag. l. v.: Falla com os redactores do *Cartista dos Açores*: *Uma vez que me obrigaram a desembainhar a espada, para lh'a assentar de prancha nas costas, deixal-a-hei nua em cima da mesa: á primeira provocação... extermini-os!* Caramba! só estas linhas valem para nós mais do que um annuncio de pagamento. A quem primeiro chegou o faro desta sóva monumental, foi á *União*, que no folhetim começou logo a pedir misericordia, dizendo um chorribho d'asneiras. Tomem tento! que se o Sr. Castlho acerta de pôr o pé em cima da tal lagartixa, que deu agora em fazer revistas, era uma vez um Marianno!

O grande successo da semana passada foi, sem contradicção, o concurso para o provimento de duas cadeiras de historia e geographia dos lyceos de Lisboa — por isso justo é que nos não fique na pasta, visto que nos sahiu do tinteiro.

Foram concurrentes os Srs. João Felix Pereira, moço dos seus 22 annos, e José Leite Freire, bacharel em direito. A affluencia dos espectadores era como peu-

cas vezes alli se vira — o Sr. Pereira fóra um estudante de grande nomeada, neste mesmo lyceo, por isso os seus antigos condiscipulos, e os actuaes da escola medica que presentemente frequenta, vieram admirar o seu talento, e mais ainda a sua pasmosa erudição. O Sr. Freire tem muitos amigos, que o são tambem das lettras, e esses egualmente quizeram vêr realçar os meritos deste candidato nestas provas publicas.

O acto teve um preludio de bons auspicios. Sobre uma das mesas estava patente um grande masso de varias obras manuscriptas do Sr. J. Felix Pereira, traduzidas do grego, de Platão, de Homero, e Xenofonte, de Herodoto, de Demosthenes etc., e do latim, de Virgilio, de Horacio, de Tito Livio, de Salustio etc, provas do mais ineançavel estudo classico, que em tão verdes annos se podia apresentar! Estavam tambem as já impressas, a *Historia de Portugal*, obra de muito trabalho, mas de pouco criterio, e as *Expedições de Xerxes*, de exotica orthographia. Em quanto se esperava pela abertura da solemnidade, a conversação esteve interessante, tomando parte nella os candidatos; havendo entre os bons ditos que alli notámos, este que nos parece digno de especial menção. Um dos mais insoffridos exclamou: Por quem se espera? já aqui está o povo e o senado — ao que o Sr. Leite acudiu com o mais delicado e lisongeiro á propos — eu não vejo se não senado...

Tudo isto presagiava um bello concurso, mas não foi tanto assim.

Presidia o Sr. Freire de Carvalho, e eram examinadores os Srs. Simas e A. Caetano, ambos professores do lyceo. O Sr. Pereira foi o primeiro interrogado pelo Sr. Simas. Não nos é possivel descrever a grosseria e máa modo com que este senhor se houve para com o candidato! Que o digam as pessoas que alli estiveram, as quaes por vezes deram signaes do escandalo que lhes causava semelhante procedimento. Outro, que não fosse dotado do saber e coragem do Sr. Pereira, houvera infallivelmente succumbido ás primeiras reprehensões do implacavel examinador, que até trouxe á collação uma anecdota sedicã de Napoleão, para com ella vexar o candidato, e enjoar o auditorio. E' verdade que o Sr. Pereira tem um theor de fallar (e de escrever tambem) que enfada, pelas demasias que a sua muita leitura lhe suggere, mas a correcção excede todos os limites do toleravel.

A nenhuma pergunta que se lhe dirigiu, a nenhuma questão que se lhe propoz, a nenhuma objecção que se lhe fez, deixou de responder cabal e satisfactoriamente o Sr. Pereira. Nunca vimos uma memoria nem uma erudição assim! Pena é que fosse tão mal encaminhada pelos examinadores. Ainda hoje nos parecem sonhos as triviliades e impertinencias a que, pela maior, se reduziram as perguntas. A quem tinha dado tantos documentos de que sabia historia, ao que havia compilado a de Portugal, perguntou-se qual fóra



o nosso primeiro rei! Não tocaram em nenhuma das questões da successão do reino, mas perguntaram quantos tinham sido os pretendentes á coroa por morte do cardeal! Inquiriram muito sobre os historiadores gregos e latinos, mas dos modernos nem palavra, e de Portugal só roçaram pelos primeiros chronistas. Credes que hoje n'um concurso para o professorado da historia, se não pôde deixar de trazer á auctoria, Vico, Thierry, Guizot, Cantu e os mais que a teem allumiado com o facho da philosophia, enganais-vos, neste concurso, Herodoto foi de quem mais se fallou, naquell'outros nem por pensamentos! De Portugal, o mesmo: nem o Sr. Herculano, nem os nossos melhores escriptores historicos foram se quer citados! Em summa, em todo o concurso, não se caracterizou uma epoca, não se fez a mais pequena analyse philosophica, nenhum criterio em fim se applicou ás tantas questões em que estava dividido o programma. Apenas houve uma pergunta do Sr. Freire de Carvalho, sobre a qual se podia dissertar segundo os principios da sciencia moderna, mas essa foi logo atalhada! Não culpamos o Sr. A. Caetano, porque sabemos que o seu forte não é a historia, mas ao Sr. Simas (perdoe-nos elle) mal podemos relevar que, perante um tal auditorio, rebaixasse assim um concurso de instrucção secundaria, fazendo perguntas, que além de serem um insulto para os candidatos (ao Sr. Freire que todos sabem esteve em Paris, perguntou-se-lhe qual era a capital da França!), foram tambem um escarneo a muitas das pessoas presentes.

Tão *escholasticos* nas perguntas, fizeram-se *academicos* nos pontos para as dissertações oraes, e em acto continuo! Ao Sr. Pereira sahiram — se a America fóra conhecida dos antigos? Civilisação da Europa quando foi invadida pelos barbaros. Qualquer destes pontos era para uma memoria academica, mas o candidato tratou-os com summa habilidade, principalmente o primeiro.

Tudo o que dissemos a respeito das perguntas feitas ao Sr. Pereira, o poderamos reproduzir sobre as que se fizeram ao Sr. Freire. Este candidato, não tinha tanta copia de erudição, nem tão feliz memoria como o primeiro, por isso limitando-se a responder ás perguntas, tornou-se o exame esteril pela vulgaridade das interrogações, e insupportavelmente enfadonho e censuravel, quando o Sr. Simas se espraçou, por espaço de tres quartos de hora, sobre a arte de fazer folhinhas, que foi a que se reduziram as suas questões de chronologia. O Herodoto tornou a vir á bailha, os modernos não foram incommodados, e acabou-se o exame com os dois pontos para as dissertações oraes, dignos de completarem as altas questões precedentes... do aureo numero, e da letra dominical! — a saber: Historia dos duques de Bragança. Quaes foram os limites do imperio romano? pontos ambos a que o Sr. Freire satisfiz habilmente.

Malbaratou-se o tempo com tantas frivolidades, e

nem uma pergunta se fez sobre a geographia commercial, que além de ser do programma, havia muito que dizer quanto ao methodo de a ensinar. Pelo que acabamos de expôr, os lyceos de Lisboa, estão realmente talhados para a historia do Sr. Doria, e para a geographia do Sr. Carneiro. Os concurrentes fizeram tambem duas dissertações escriptas, cada um, que se não leram em publico!

Bem nos pesa não poder dar aos dignos professores os mesmos elogios que mereceu principalmente um dos candidatos, o Sr. J. Felix Pereira, ao qual, acabado o acto ouvimos dizer o Sr. Viale (o mais douto dos nossos homens de letras) « *que nem mesmo em Paris, vira um examinando que satisfizesse tão cabal e brilhantemente.* »

Temos feito o nosso dever. A publicidade dos concursos é esta — é na imprensa, não occultando, nem a censura nem o louvor, a quem competir. A chronica ha-de registal-os sempre.

A proposito de concursos, respondemos ao Sr. Aragão, que o facto de ter logo publicado n'outro jornal a carta que a este dirigiu, nos desobriga de explicações, que lhe dariamos com a cortezia que sempre nos mereceu. Entretanto o dicto, dicto. E' preciso que se entenda, que o chronista deve ser como o bom pae de familias — ter o pão n'uma mão e o pau na outra. — E' a nossa regra de bem viver. O titulo que temos não nos salva da responsabilidade: o Barão de Alfenim, responde com a sua penna ou com o seu espinhaço pelo que escreve — a escolha é livre. Fique isto dicto aqui de uma vez para sempre.

A grande novidade desta semana foi tambem litteraria. O *Gremio* abriu finalmente os cursos publicos, solemnizando a instalação com uma brilhantissima sessão, para a qual convidou varios cavalleiros e senhoras. O Sr. duque de Palmella devia presidir, mas tinha ido esparecer para fóra de Lisboa, e não tivemos o gosto de lá o vêr. Esperava-se que S. E. lembrado de que quando o celebre Aguado, marquez de las Marismas, foi nomeado presidente do *Atheneu* de Madrid, na instalação dos cursos, fizera elle toda a despeza da festividade, musica, refrescos, &c., o que lhe importou n'uns mil e oitocentos duros — egualmente abrilhantasse esta inauguração, para em tudo ser o *Gremio Litterario* digno da sua presidencia; até mesmo porque não sendo S. E. menos poderoso que o finado castelhano, não devera ser menos bizarro. O certo é que S. E. não se lhe deu da festa! E' ralham então do inexoravel Mendonça andar sempre a malhar nos *fósses*? Quando elles nem o seu apoio, nem o seu nome prestam ás lides litterarias da juventude patria, que respeito merecem? Decididamente não ha litteratura com tantas lesmas como esta nossa!

Bem haja o Sr. A. F. de Castilho, que todo se disvela em patrocinar os esforços da mocidade estudiosa, á qual elle proclamou em um dos seus prologos doutrinaes: » *Eu vos ajudarei com o trabalho, em*



quanto poder; com o discurso e doutrina, até onde me chegarem; e com os applausos por cada novo laurel, com que a patria por vossas mãos se ataviar! » Dito e feito. Tanto que o Sr. Castilho soube da solemnisção dos cursos que se fazia no Gremio, se prestou logo a honrar e realçar o acto, não só com a sua presença, mas com a recitação de suas poesias, o que lhe foi rogado pelo meritissimo secretario, o Sr. Daniel, de um modo assás mimoso e habil, como podemos dar testemunho. Ah Gremio, Gremio, que seria feito de ti, se não tivesses um secretario desta tempera! E não o fazem, socio benemerito, honorario, salvador, inimitavel, e tudo quanto possa inculcar o que elle é? Para quando guardam este acto de justiça?

A festividade esteve solemne, as salas estavam cheias. Presidiu o Sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães. A narrativa mais circumstanciada ler-se-ha n'outro num. deste jornal. O Sr. Corvo leu, como tinha promettido um lindo proverbio. O Sr. Latino Coelho faltou com uma memoria que para esta noite tinha offerecido. Pedimos que se instaure um conselho litterario de disciplina, para se proceder contra este maganão. Tudo o mais que se recitou foi poesia. O Sr. Castilho pareceu superior a si mesmo. Applaudido com um enthusiasmo que rivalisou com o que Herrodoto excitára nos olympicos, pareceu-nos ver que aos seus detractores e invejosos, se lhes alargaram as caras até ao ponto de lua cheia, e que as sumiam na copa do chapeo. Entre os grandes poderes do genio, está o de se vingar nobremente assim.

Não concluiremos sem registar aqui uma observação que n'aquelle acto colhemos. Quando o Sr. Palha recitava a *Voz do Cego*, e principalmente quando chegou a estes versos tão lastimosos e patheticos

Em vão levanto a cabeça  
Tentando mirar o ceo!  
Sempre esta nuvem espessa...  
Sempre o mesmo escuro veu!

todos os olhos se voltaram consternadamente para o Sr. Castilho — a commoção da assembléa era geral, muitas lagrimas vimos assomar — o exemplo tinha partido da presidencia. O rosto do Sr. R. da Fonseca Magalhães, onde a sciencia physiognomica acha tantos traços para os seus prognosticos, apresentava na quelle ponto tão pronunciados signaes de emoção e condoimento, que profundamente nos affectou. Aparentamos isto, porque em regra os nossos homens d'estado são duros de coração — principalmente os ministros da fazenda, e da guerra.

Agora nos lembramos que seremos escarnecidos pelos tarrellos, por escrevermos *ex corde*. Que importa!

Ao actual conselho director cabem os louvores de ter posto em effeito a resolução tomada da abertura dos cursos, mas não o relevamos da censura de o ter feito com tal precipitação, que muitos socios se quei-

xam de não terem sido prevenidos a tempo que podessem fazer a leitura de trabalhos que teem promptos.

Tem-se notado a ausencia de senhoras, ás leituras dos cursos desta semana. Pedimos-lhes que ao menos ao do Sr. Corvo, que tracta do *bello*, hajam suas excellencias de lhe proporcionar, com a sua presença, modêlos para as considerações estheticas a que já deu começo.

Chegou finalmente a « bulla da Crusada », e dizem que a sua primeira publicação foi feita nas cortes, em sessão secreta! Valha a verdade.

Em caso do Sr. marquez de Vallada, fez-se a semana passada uma reunião de pessoas piedosas, para conferenciar sobre o modo de promover neste reino uma collecta para as urgencias do Papa. As urgencias da igreja portugueza são de certo muito maiores que as do Santo Padre — votamos pois contra a lembrança, aliás louvavel.

A *Revista Popular* entrou no segundo anno da sua idade. A estampa do rosto ficou medonha, por um triz que não dobra para a segunda pagina! As *caricaturas* dos peccados mortaes, são horriveis: parecem tiradas d'alguma edição *fóssil* do « lunario perpetuo ». A redacção porém vem esmerada, e de bom matiz. Inaugurou tambem a sua *revista da semana*. Esta primeira todavia não satisfaz ao paladar dos leitores « fugitivos ». Era um bem trabalhado artigo de critica litteraria, mas para folhetim não presta. E na verdade, querer uma pessoa ir desenfadar-se com a leitura de uma chronica ou revista, e acha-la toda babada de erudição, é insupportavel! Ha pouco falou-se ahí em *folhetinista pedante*, alli se vê que existe realmente.

Estavamos fazendo estas *philosophias* quando reparámos que a tal revista vem assignada por ELLE — o nosso alviçareiro! Deixa estar, meu menino, que nós t'o diremos...

O *Pharol* dá parte de que se lhe acabaram as crises financeiras. Parabens! parabens!

» O' salvador de Roma, e das batatas!

O *Zacuto* caminha impavidamente; ameaçando avasalar os « christãos velhos » da medicina, e os « christãos novos » da cirurgia, na questão dos graus! O X, emblema terrivel da cruz em que deram cabo de S. André, está implacavel contra as gradações chirurgicas: declarou-se Dr. (um X de capello, só em Portugal!), e fez um dialogo soberbo, elevando-o á altura de folhetim, em todo o rigor e vigor da palavra.

O *Esculapio* ameaçou-nos! A resposta que lhe damos é que somos freguez de mestre Araujo; que não estamos resolvidos a mudar; e sabemos e seguimos aquelle nosso rifão: Nem official novo, nem barbeiro velho.

Ha tres semanas que não lemos o *Baratissimo*: mas promettemos levar este peccado aos pés do confessor.



Sobre o *Jardim das Damas* fizeram-nos um pedido, — não dizemos bem, — impozeram-nos um preceito, porque o pedido foi de senhora, — a que não podemos resistir. Primeiramente quer-se que nós digamos, que o tal *Jardim* está n'um sequeiro deploravel (não admira, com estas faltas de chuva), que não dá se não *ortigas poeticas* (papoilas tambem lá temos visto): e que anda alli um romance tão *pathologico*, que chega a fazer, com os seus quadros symptomaticos, perigosissimas revoluções de estomago: e finalmente que na ultima revista de Lisboa, se dá a cidade toda cheia de meninas bonitas, quando ha tão poucas. Aqui pedimos nós a palavra.

Até aqui as revistas do *Jardim das Damas* eram assignadas por Sallustio. Dizia-se que havia muitos Sallustios, e nomearam-nos alguns amigos nossos, que se cobriam com aquella capa classica. Esta revista porém vem assignada pelo Sr. José Osorio, poeta assás conhecido. Desaprovámos o uso de assignar com os proprios nomes similhante genero de escripta: tem inconvenientes innumeraveis. Perde a graça tudo o que dirigimos a um nome verdadeiro, e demanda etiquetas enfadonhas. Por exemplo, querendo agora fallar da revista ultima do *Jardim*, temos de começar pouco mais ou menos: «Sr. J. O. passasse muito bem. Perdoe v. s. que lhe digamos que não gostamos daquelle gastronomico exclamação»: *Oh que ceia!* fallando da que deu o Sr. marquez de Vianna. «Das ceias estão as sepulturas cheias», e por isso é de má gosto gabar uma ceia: excepto se ella se parecia realmente com o banquete da opera *Machbet*, em S. Carlos, isto é, tudo iguarias de papelão, porque nesse caso foi um epigramma bem bonito, etc. Ora se não fôra o respeito que nos merece a assignatura, ficavamos o pulso livre para dizer a cousa de modo muito mais agradável para o leitor.

E' boa nova para os amigos e cultores das lettras, a nova que lhes damos, de que o Sr. A. Pereira da Cunha, se acha em Lisboa, e que brevemente dará para o theatro nacional um drama, que ultimamente compoz.

A imprensa e as cortes cahiram ha dias n'uma grande esparrella, suppondo que as auctoridades da Villa da Feira, tinham representado, pelas ruas no entredo, um acto sacramental, com as vestes de Christo e da Virgem, dizendo que o bispo do Porto os tinha excommungado! O nosso alviçareiro logo nos disse que era petá.

O necrologio da chronica desta semana podia ser um volume! — mas não a queremos enluctar. Faremos porém uma excepção para prantearmos a morte de um «folhetinista verbal», de muita graça e pilhéria; um dos mais festejados cavaqueadores das conversações *fosseis* da boa companhia antiga, e um homem por muitos titulos e anedotas celebrenmente conhecido nesta capital — o Sr. Francisco Dias. Morreu como um passaro bisnau na ultima muda.

A terra e as obras de Tissot lhe sejam leves!

Deixou um volumoso manuscripto, todo de sua composição, e annotado por D. V. V., intitulado: *Refutação do art. 13 cap. 20 do Levitico*.

A' ultima hora

O nosso alviçareiro que foi assistir á serração da «viuva do Homem das Botas», e que ficou por seu testamenteiro — até á data desta não nos appareceu!

Barão de Alfenim

## NOTICIAS.

### FUNDOS PUBLICOS.

Em 17 de Março.

#### PRAÇA DE LISBOA.

No dia 10 de Março o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Notas do Banco de Lisboa . . . . .	28050	28030
Tres operações . . . . .	16	20
Inscrições de 5 por cento . . . . .	52	53
Ditas de 4 por cento . . . . .	41	43
Papel-moeda . . . . .	10	12 m. f.
Titulos antigos (azues) . . . . .	6	9
Escriptos para as alfandegas . . . . .	88	90
Na 6.ª parte . . . . .	84	85
Acções do Banco de Portugal . . . . .	4688000	4708000
Ditas das Lezirias . . . . .	3408000	3458000
Ditas — Seguro Firmeza . . . . .	3408000	3458000
Ditas — Fidelidade . . . . .	248000	25 p. c.
Ditas — Omnibus . . . . .	708000	758000
Ditas — Pescarias . . . . .	278000	288000
Ditas — Vapores do Têjo . . . . .	198000	218000
Ditas — União Commercial . . . . .	628000	658000
Ditas — Fiação e Tecidos . . . . .	708000	728000
Ditas — Valla d'Azambuja . . . . .	1008000	por acção.
Confiança Nacional . . . . .	3958000	4008000
Obras Publicas . . . . .	3 a	3 1/2 por c.

#### ALFANDEGA DO TERREIRO.

Movimento dos cereaes de 1 a 8 de Março de 1849.

	Trigo		Cevada		Milho		Cevada	
	moios	alq.ª	moios	alq.ª	moios	alq.ª	moios	alq.ª
Entrada . . . . .	1063	47	21	32	124	20	—	63
Despacho . . . . .	893	—	127	58	75	35	9	15
Existencia . . . . .	7056	1	1764	35	821	58	115	27
Preços . . . . .	420 a 560		200 a 260		280 a 340		240 a 300	

#### METAES.

	Compra	Venda
Pegas de 88000 . . . . .	78980	88000
Ouças hespanholas . . . . .	148570	148600



Soberanos . . . . .	4\$490	4\$500
Ouro cerceado . . . . .	1\$940	1\$970
Dito em barra . . . . .	25	26
Patacas hespanholas . . . . .	920	923
Ditas brazileiras . . . . .	920	923
Ditas mexicanas . . . . .	920	923
Prata em barra . . . . .	28	—

## GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

OBRA EM DOIS VOLUMES EM 8.º COM ESTAMPAS

PELO DE.

JOSÉ MARIA GRANDE

*Lente de Botanica e Agricultura na Escola Polytechnica, e Membro de varias sociedades litterarias e scientificas tanto nacionaes como estrangeiras.*

Vai publicar-se esta obra elementar de agricultura theorica e pratica, onde os nossos cultivadores poderão encontrar as noções mais essenciaes desta sciencia expendidas em linguagem intelligivel e clara. O auctor propoz-se principalmente na composição desta obra ser util á classe agricola; e considerar-se-ha feliz se chegar a conseguil-o. O primeiro volume, cuja impressão se está concluindo, contem as duas primeiras partes da obra, a saber — *organisação e vida das plantas* — e *elementos de agricultura*: O segundo deve conter as restantes, isto é — *elementos de horticultura e arboricultura* — *principios de economia rural* — *principios de veterinaria* — e *preceitos e maximas do agricultor*.

No primeiro volume além das *noções de anatomia e phisiologia vegetal* mais essenciaes ao cultivador, tratam-se as seguintes materias:

*Clima e sua influencia na agricultura.*

Acção chimica, mechanica, e meteorologica da atmosfera, e sua influencia na agricultura.

Situação, latitude, elevação, e exposição do solo.

Inclinação e abrigos. Signaes para prever as mudanças de tempo.

*Natureza e propriedades do solo.* Composição, analyse e energia productiva das diversas especies de terrenos. *Subsolo e suas propriedades.*

*Adubos.* Correctivos. Estimulantes. Estrumes vegetaes. Animaes. Vegeto-animaes e compostos. Theoria destes diversos agentes.

*Agricultura nomada e pastoril.* *Pousios.* *Afolhamentos.* Theoria e pratica dos afolhamentos.

*Operações geraes de cultura.* Lavouras. Sementeiras. Colheitas.

*Machinas e instrumentos aratorios.* Arado. Charrua. Grade. Estirpador. Rolo. Enxada de cavallo. Sementeiro. Trilho, &c.

*Culturas especiaes.* Cultura dos cereaes. Cultura das plantas pratenses. Cultura das plantas legumino-

sas de sementes farinaceas. Cultura das plantas de raizes carnosas.

O preço da obra está calculado mais no intuito de generalisal-a do que de colher interesses pecuniarios.

Cada volume que ha-de conter para cima de 300 paginas, custará aos Srs. assignantes 600 réis, que serão satisfeitos no acto da sua entrega. Avulso custará cada volume 720 réis.

Os Srs. que quizerem assignar poderão fazel-o ou mandal-o fazer em Lisboa no escriptorio da Epoca, ou em casa dos Srs. Bertrands com loja de livros ao Chiado. Os Srs. das provincias poderão inscrever-se nos *prospectos*, que serão enviados para as capitaes dos districtos e terras notaveis do reino.

## AVISO.

Participa-se a todos os Srs. Assignantes das provincias, que os Agentes a quem se devem dirigir, e entregar qualquer quantia pertencente ao jornal são os seguintes:

S. Lourenço do Bairro Mialhada, correspondente em Aveiro, José Simões de Paiva. — Midões, em Vizeu, Antonio da Silva. — Mialhada, Condeixa, Tentugal, em Coimbra, José Joice. — Alemquer, em Villa Franca de Xira, D. Maria Jacintha Salgado. — S. Miguel, Ponta Delgada, Filippe Maria Bessone. — Fundão, Guarda, Mangualde, na Covilhã, Antonio Joaquim da Silva Junior. — Castro Verde, Campo Maior, em Portalegre, João Anastacio Dias Grande. — Angra, Terceira, Frederico Ferreira Campos. — Villa Nova de Milfontes, Odemira, Campo de Ourique, em Sines, Joaquim Pires de Mattos. — Quiaios, Alhadas, Maiorca, Cadima, na Figueira, Ignacio Fernandes Coelho. — Soure, Pombal, Marinhã Grande, em Leiria, Miguel Joaquim Leitão. — Penha Garcia, Idanha Nova, Pena Macôr, Sigura, Rosmaninhal, Sazedas, Alpedrinha, em Castello Branco, Francisco José Mourão. — Ovar, Oliveira de Azemeis, na Feira, Bernardo José Corrêa de Sá. — Ponte de Lima, Vianna do Castello, Vianna do Minho, em Vianna, Luiz Manuel Monteiro. — Freixas, em Mirandella, José Bernardo Pinto Saraiva. — Povoal do Lanhoso, em Braga, João Antonio d'Oliveira Braga. — Portel, Serpa, Villa de Frades, em Beja, José Ricca. — Peniche, em Attouguia da Balêa, Francisco Manuel Velloso da Horta. — Fayal, Manuel Alves Guerra. — Olhão, Loulé, em Faro, José Bento Dias Ferreira. — Monte Alegre, em Chaves, João de Sousa Pinto de Barros. — Funchal, Madeira, Goulde Roupe & C.<sup>a</sup> — Villa Nova de Portimão, Alcantarilha, em Lagos, Januario José Simões. — Esposende, em Barcellos, Francisco José Pereira Braga. — Alpalhão, em Estremoz, Joaquim Felizardo da Cunha Ozorio.